

SENTIMENTOS VIVENCIADOS POR MULHERES USUÁRIAS DE CRACK NO PROCESSO DA MATERNIDADE.

**ALAN TAVARES GARCIA¹; PAOLA DE OLIVEIRA CAMARGO²; LIENI FREDO
HERREIRA³; MICHELE MANDAGARÁ DE OLIVEIRA⁴**

¹*Universidade Federal de Pelotas – alantavaresgarcia@gmail.com*

²*Universidade Federal de Pelotas – paolacamargo01@hotmail.com*

³*Universidade Federal de Pelotas – lieniherreiraa@hotmail.com*

⁴*Universidade Federal de Pelotas - mandagara@hotmail.com*

1. INTRODUÇÃO

A utilização de substâncias psicoativas de forma abusa nos dias atuais é um dos problemas mais preocupantes dentro do campo da saúde pública no Brasil e no mundo (PULCHERIO et al., 2010). Na área da saúde e, especificamente na perspectiva da saúde da mulher, a discussão do uso de substâncias psicoativas ultrapassa as questões biomédicas, exigindo que cada profissional assimile o processo de saúde/doença de uma forma mais ampla e humanizada, compreendendo as mulheres como sujeito social (SOUZA, NASCIMENTO, 2014).

Em consequência disso, mulheres usuárias de crack podem viver em cenários preocupantes. A gestação acaba impondo, naturalmente, novas demandas, que ficam especialmente sobrepostas ao cenário do uso abusivo (MARINI e WASCHBURGER, 2015).

O objetivo desse resumo é descrever os sentimentos vivenciados durante a maternidade em mulheres usuárias de crack.

2. METODOLOGIA

Este resumo faz parte de uma pesquisa qualitativa, resultado da dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Enfermagem da Universidade Federal de Pelotas, intitulada “A visão da mulher usuária de cocaína/crack sobre a experiência da maternidade: vivência entre mãe e filho”.

O trabalho foi realizado através de observação participante, escrita de diário de campo e aplicação de entrevistas semiestruturadas, com cinco mulheres que realizaram o uso de crack durante a gestação. A coleta de dados ocorreu na residência e no território das participantes, durante os meses de maio a agosto do ano de 2014. Após o período de coleta, as entrevistas foram transcritas, lidas e interpretadas, junto às observações anotadas nos diários de campo, e os dados analisados a partir da Teoria Interpretativa de Clifford Geertz (2008). O referencial teórico e metodológico foi baseado na Antropologia.

As mulheres tiveram seus nomes alterados, escolhido por elas mesmas com pseudônimo atribuído a flores, mantendo sempre o anonimato das mesmas.

O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Faculdade de Enfermagem, pelo parecer 643.166. Todos os princípios éticos considerados para a elaboração da pesquisa foram ao encontro da Resolução nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde, do Ministério da Saúde, sobre Pesquisa com Seres Humanos (BRASIL, 2012).

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Para esse trabalho, buscou-se compreender os sentimentos vivenciados por mulheres usuárias de crack durante a maternidade. Através do contexto social e cultural que essas mulheres estão inseridas, chegou-se a uma análise concreta dentro da realidade vivida pelas mesmas. Para isso é indispensável conhecer o contexto na qual estão inseridas e a cultura da maternidade, segundo a antropologia (CAMARGO, 2014). Abaixo, breve caracterização e relato das participantes em relação aos sentimentos vivenciados por cada uma, desde a descoberta da gravidez, até após o nascimento dos filhos.

Crisântemo, 32 anos, negra, ensino médio completo e magistério. Resolveu engravidar após o término de seu curso. Estava estável a 5 anos com seu marido, era uma gravidez planejada. Apenas tinha uma exigência, acabar seus estudos para depois engravidar.

Margarida, 28 anos, branca, ensino médio completo. Estava casada há 4 anos e não conseguia engravidar, chegou até pensar que não conseguiria. Queria ser mãe a bastante tempo, era um projeto de vida. Foi uma felicidade sem igual e um alívio, pois, achou que tinha problemas para engravidar.

Contextualizando uma infinidade de mulheres, bem como Crisântemo e Margarida, a gravidez pode ser um projeto de vida, com ou sem parceiros, porém o fato dessa mulher ser usuária de crack não exclui o seu desejo de ser mãe. Corroborando, para Passos (2016), percebeu-se que mesmo em condições de uso, isso não eliminaria a possibilidade de sentir e vivenciar uma gestação e o processo de maternidade.

Dama da noite, 23 anos, ensino médio incompleto. No primeiro momento não queria acreditar que estaria gestante, foi ao ginecologista e já estava com três meses, chorou bastante, de alegria. Para Dama da noite, foi uma gravidez inesperada, não tinha o desejo de ser mãe. Após receber a notícia de um médico especialista, se emocionou e a partir daquele momento começou a desejar o filho que estava por vir.

Irís, 30 anos, ensino médio incompleto, sem renda fixa, segurada por programas do governo. Em um primeiro momento ficou triste e apavorada. Foi ficar feliz a partir do 5º mês, detalha que não tinha o que fazer, era contra o aborto e se Deus mandou ela teria que aceitar, mas felicidade em um primeiro momento ela não sentiu, apenas aceitou.

Dália, 29 anos, frequentou a escola até a 5º série do ensino fundamental. Não possui renda fixa e é amparada por programas governamentais. Alega que não foi planejado, foi em sua primeira “vez”. Diz que o presente de 15 anos foi engravidar. Até o sétimo mês fez de tudo para abortar, pois não queria e não aceitava o fato de ser mãe. Repetindo-se assim no seu segundo filho, no qual também não houve um planejamento.

Os últimos depoimentos mencionados mostram um fator importante na vida dessas mulheres, a experiência da maternidade não foi considerada uma experiência agradável. Irís, mesmo não tendo planejado estar grávida conseguia distinguir o que era “certo ou errado”, aborto para ela era inadmissível, mesmo não estando feliz, prosseguiu com a gestação. Enquanto Dália, sem desejar a criança tentou abortar, sem sucesso. Mas, com as escolhas que teve em sua primeira gestação, não houve outras tentativas de aborto nas demais gestações.

É significativo ressaltar que Dama da Noite, Irís e Dália não haviam planejado engravidar nesse momento. Conforme Marini e Waschburger (2015), mulheres usuárias de crack podem estar submersas em uma relação com o crack, e, isso pode gerar confusão em relação aos sentimentos de mãe/filho. Porém, mesmo com os sentimentos ambivalentes e de medo e insegurança, as mulheres da seguinte pesquisa vivenciaram o processo de maternidade de forma a criar um vínculo de

afeto com os seus filhos, ou na gestação, no pós- parto ou após a convivência entre mãe e filho e a re-organização de suas vidas para receber seus filhos e filhas.

4. CONCLUSÕES

Pela observação dos aspectos analisados, nota-se que mesmo existindo sentimentos incertos em relação a maternidade, elas ainda acabam sofrendo um grande estigma vindo da sociedade. A busca de conexão com esses filhos evidencia uma expectativa diferente, uma condição quem sabe, de se sentirem amadas e cessar seu uso em virtude da gravidez.

É importante ressaltar a necessidade de políticas públicas, como também a importância do profissional de saúde dentro do contexto no qual elas estão inseridas, ultrapassando o censo comum, que ressalta que uma mulher por ser usuária não agregaria um bom papel de mãe.

Por todos esses aspectos mencionados, é notório perceber que, mesmo no uso de drogas, essas mulheres sentiram sensações iguais a outras mulheres, independente de serem usuárias ou não. E como profissionais, devemos estar atento a exclusão dessas mulheres de políticas públicas, levando sempre um trabalho individualizado e universal, fazendo com que elas passem por esse processo com dignidade em todas etapas possíveis.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Conselho Nacional de Saúde, Comissão Nacional de Ética em Pesquisa. **Resolução Nº 466 de 12 de dezembro de 2012:** diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa envolvendo seres humanos. Brasília: MS; 2012.

CAMARGO, P.O. **A visão da mulher usuária de cocaína/crack em relação a experiência da maternidade:** vivência entre mãe e filho. 2014. Dissertação (Mestrado em Enfermagem) – Programa de Pós Graduação em Enfermagem. Universidade Federal de Pelotas

GEERTZ, C. **A Interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC Editora, 1 ed., 13 reimpr., 2008.

MARINI, K; WASCHBURGER, P . A Vivência da Gravidez em Usuárias de Crack e sua Influência na Formação do Vínculo Materno-Fetal. **Revista de Psicologia da IMED.** v.7, n.2, p.37-47, 2015.

PASSOS, S. M. B. **Mulheres/mães usuárias de crack:** histórias de desproteção social. 2016. Dissertação (mestrado) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Serviço Social.

PULCHERIO, G et al. Crack – Da pedra ao tratamento. **Revista da AMRIGS.** Porto Alegre, v. 54, n. 3, jul.-set. p. 337-343, 2010.

SOUZA, M. R. R.; OLIVEIRA, J. F.; NASCIMENTO, E. R. A saúde de mulheres e o fenômeno das drogas em revistas brasileiras. **Texto Contexto Enferm.** Florianópolis, v. 23, n.1, p. 92-100, 2014.